

Uma análise interpretativa sobre garatujas e desenhos das crianças

Cheiliana Aparecida de Almeida

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) Barbacena, Minas Gerais
cheiliana_almeida@hotmail.com

Débora de Faria Lopes

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) Barbacena, Minas Gerais
deboralopes312@yahoo.com

Geiziane da Silva

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) Barbacena, Minas Gerais
geizianecosta1996@gmail.com

Lenice Clara Simão

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) Barbacena, Minas Gerais
lenicesimao2015@hotmail.com

Paula Xavier de Faria Alves

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) Barbacena, Minas Gerais
paulaxavier121@yahoo.com.br

Tamiris de Melo Loures

Universidade Presidente Antônio Carlos (Unipac) Barbacena, Minas Gerais
tamiresloures@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da garatuja e do desenho na infância; esse processo acontece durante todo o crescimento das crianças, perpassa por fases e tem múltiplos significados, que podem ajudar diferentes profissionais a entenderem melhor o que a criança quer expressar. Realizamos uma pesquisa bibliográfica, considerando as contribuições de autores como Philippe Greig, René-Lucien, Maria Heloísa e Maria F. de Rezende, bem como um Estudo de Caso, tendo um quantitativo de 20 crianças e 25 desenhos analisados. Coletamos expressões artísticas em traços de crianças de diferentes idades, interpretamos os mesmos com base nos estudos realizados e identificamos características pessoais, sentimentos, gostos, medos e outros dados de cada uma. Procuramos enfatizar que quando o pedagogo sabe mobilizar e mediar seus alunos durante esse processo, pode os ajudar de forma significativa, porque o esquema visual estimula as crianças a expressarem suas emoções, trabalha os sentimentos, a criatividade, o real e o imaginário, a coordenação motora, o esquema corporal, entre outros. Os menores, no esboço de suas garatujas e desenhos, representam de certa forma um pouco de si próprios; merecendo de nós, profissionais da pedagogia, a atenção e o carinho, perante seu momento de descobertas neste mundo fantástico da imaginação e criação. É preciso cuidar, tentar entender e manter, para que com a pureza da garatuja e do desenho, no futuro se tornem indivíduos críticos, letrados e conscientizados.

Palavras-chave: crianças; garatuja; desenho; interpretação.

Introdução

O presente trabalho tem como temática a garatuja e o desenho infantil realizado durante o Berçário, Educação Infantil e Ensino Fundamental (anos iniciais) da fase escolar.

Historicamente é possível identificar que desde os primórdios da humanidade o homem desenvolveu tais habilidades a fim de expressar ou registrar suas percepções vivenciadas. Quanto mais decorria seu desenvolvimento pessoal e social, mais se tornava necessário o desenho na vida humana; constata-se que suas funções abrangem quase todos os campos da arte e da ciência. De fato, toda criança desenha sobre o papel ou outro suporte, pode ser com lápis, giz, caneta ou com caco de tijolo que age como um riscador sobre uma superfície. Isso aprende por imitação, seja ao ver os adultos escrevendo ou outras crianças desenhando.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p. 56) “Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida”. Então, é um ato contínuo, que não se encerra na infância, ele apenas se modifica e se desenvolve com o passar do tempo. Veremos que, quanto mais permitimos e estimulamos as crianças a realizarem rabiscos e garatujas, estamos contribuindo para o seu desenvolvimento, ao nível cognitivo, motor e emocional; e estamos oferecendo ferramentas para que essa criança consiga explorar e interpretar cada vez mais o contexto e o mundo que a rodeia.

A interpretação da garatuja e do desenho infantil é uma área de estudo ligada à psicopedagogia. Segundo a Associação Brasileira de Psicopedagogia¹, ela diz-se da psicologia educacional, sendo ramificada em duas linhas: a institucional e a clínica. A primeira é justamente aquela observada no seio da sala de aula e cujos objetivos é melhorar os problemas de aprendizagem da instituição escolar.

Mesmo o educador não tendo uma especialização mais aprofundada na área, nada impede de utilizar mecanismos dessa estratégia em sua atuação profissional, visto que dessa forma conhecerá melhor seus alunos e o que eles sentem, então poderá mediá-los com coerência, sabendo um pouco mais de cada um deles.

Por essa via de entendimento, a questão norteadora do presente trabalho pautou-se em orientar sobre o quão importante é o ato de desenhar de uma criança, o quanto um desenho pode falar por ela, mostrando os seus sentimentos, seus medos ou até mesmo seu pedido de

¹<http://www.abpp.com.br/>

socorro; o que leva os docentes a valorizar, interpretar e estimular, seja a garatuja, seja o desenho de seus alunos.

A garatuja e o desenho infantil: definições teóricas

À luz de Ferraz e Fusari (2009) compreendemos que a garatuja são as marcas, riscos, linhas, que se entrecruzam sem um sentido preestabelecido, feito por crianças, normalmente de dois a quatro anos de idade. Em outras palavras, garatuja é a falta de prontidão e domínio na representação da escrita, onde se caracteriza o movimento das mãos com marcas que não mostram signos de uma existência única.

Philippe Greig (2014) é enfático ao dizer que a garatuja não é simplesmente uma atividade sensorial motora descontextualizada, mas sim uma atividade que através dos rabiscos pode-se perceber como a criança está se sentindo, o que ela quer comunicar; também atua diretamente nas habilidades de coordenação motora fina. O referido autor nos orienta que, nessa fase inicial é muito importante que o professor elogie o trabalho da criança e procure entender o que desenhou, porque ao estimular estamos contribuindo para o seu desenvolvimento, pois é através desses pequenos rabiscos que acontece o desenvolvimento da motricidade fina, da escrita, da representação do mundo.

Em Greig encontramos também a definição para desenho infantil; segundo o autor, “chega o momento em que a criança começa a prestar atenção à marca que deixa, voluntariamente, então, passa a empurrar uma cadeira nos passeios de um jardim, desenhando ‘uma estrada’ e o olho segue a mão enquanto ela rabisca” (GREIG, 2014, p. 22). Assim, o desenho possui forma, sendo como a garatuja um dos meios que as crianças dispõem para expressarem suas emoções, conseguirem representá-las, dar-lhes significado quando ainda não conseguem identificar nomes para aquelas sensações constantes sentidas; por isso, se refere à maneira que as crianças têm de se comunicar com os adultos quando ainda não o faz por palavras.

O desenho é, portanto, a representação gráfica de ideias e sentimentos humanos e a garatuja, os primeiros passos desse caminhar. Ambos têm por objetivo fazer com que a criança se encontre com as suas próprias emoções, isso ajuda o professor a conhecer um pouco seu aluno, perceber alguns traços de sua personalidade, temperamento, sentimentos ou identificar suas necessidades. Quando uma criança faz um traço e diz que desenhou um gato, um cachorro, uma menina, uma casa, um carro etc.; por vezes, não conseguimos visualizar o que diz ter

desenhado, porém, para ela, suas palavras são reais – precisamos desse ato de sensibilização. Não raro expressarem com interrogação: “[tia] o que está dizendo aqui no desenho?” ou “que letra escrevi?”, ou ainda, “você lê o que eu fiz?”. O que a criança cria é importante e significativo para ela, por isso, os pais, os familiares e os professores precisam mostrar que consideram essas criações igualmente importantes.

Ainda em Greig, o referido autor constata que:

A falta de interesse dos adultos e até mesmo de inúmeros profissionais pelos rabiscos faz com que se prossigam e se sobrecarreguem os traços até se tornarem ilegíveis. A paixão de certas crianças de enegrecer a página faz o resto. É importante, em vez disto, estar sempre oferecendo uma nova folha à criança que rabisca, para que seu traçado fique suficientemente claro para revelar sem dificuldade a trajetória da mão e os caracteres do traçado. Isso se torna mais evidente na medida em que o rabisco adquire seu desenvolvimento mais evoluído (GREIG, 2014, p. 24).

No decorrer passamos a aplicar a análise dos desenhos e das garatujas na prática.

Sobre o estudo do grupo

O estudo apresentado foi realizado a partir do levantamento bibliográfico considerando as contribuições de autores como Philippe Greig, René-Lucien, Maria Heloísa e Maria F. de Rezende; sendo esses a base teórica para a análise do material coletado. Estimulamos crianças de diferentes idades do nosso convívio a desenhar o que quisessem, em seguida, trocamos os desenhos uma com as outras. Tivemos um quantitativo de 20 crianças e 25 desenhos analisados. O Estudo de Caso foi feito sobre os desenhos de crianças que não conhecíamos, e assim, identificamos características individuais, sentimentos, emoções, criatividade, o real e o imaginário, a coordenação motora, medos, gostos, preferências, vontades, sonhos, esquema corporal, tristezas, alegrias, entre outros. Ao final, destrocamos os desenhos e, então, comparamos nossos acertos e erros frente às análises feitas. Na maioria dos casos houve acerto, o que mostrou nosso grau de envolvimento e aprofundamento de estudo.

A seguir, apresentamos um recorte das imagens visuais realizadas pelas crianças de nossa pesquisa, juntamente com as interpretações do estudo. Começamos com as garatujas, passamos aos desenhos – no total, para esse artigo, foram selecionados 11 trabalhos. Esses foram identificados por nomes fictícios. Embora a coleta não tenha sido feita na escola, é intenção abarcar os graus de atuação de nossa formação profissional em Pedagogia, atingindo

especificamente o Berçário (crianças de zero a dois anos), a Educação Infantil (crianças de três a cinco anos) e o Ensino Fundamental, anos iniciais (crianças de seis a dez anos).

Figura 1- Garatuja/Joana.



Figura 2 – Grajatura/Maria.

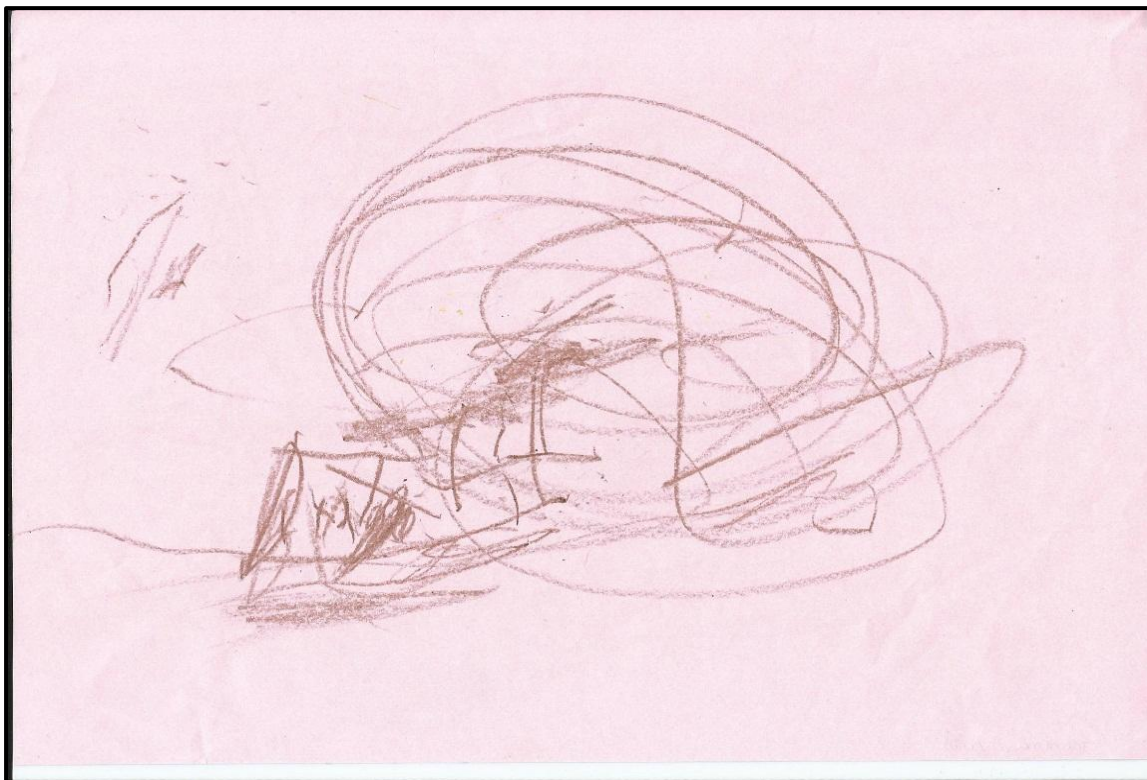


Figura 3 - Garatuja/Fernando



A Figura 1 apresenta o esquema visual referente a uma garatuja, sendo ela realizada por uma menina que traçou muitos círculos. Entende-se que seja uma criança pirracentada e de gênio muito forte – fez o desenho com pouca vontade. Essa análise expressa emoções e características.

A Figura 2 também apresenta o esquema visual referente a uma garatuja de menina. Seus círculos expressam igualmente força, mais com menos intensidade de rabiscos. Usa o giz de cera demonstrando certeza do que quer: se representa como o centro das atenções, porque fez o desenho todo no meio da folha. O enquadramento dessa análise demonstra características interiorizadas e sentimentos do momento.

Já a Figura 3 apresenta uma garatuja realizada por um menino. Houve nela pouca estimulação, criatividade e animo para a realização da tarefa. Pode transmitir o perfil de uma criança tranquila ou sedentária. Trata-se de uma análise que aponta características individuais.

Diferente das anteriores, as próximas imagens trazem esquemas visuais classificados como desenho. Na Figura 4, há o desenho de um menino, cuja representação esquemática é o de uma casa, sendo ela muito fechada. A ideia transmitida é a de que fica muito

em casa ou, então, mora em um apartamento; e que se sente sozinho a maior parte do tempo. Essa análise mostra a realidade vivida.

Figura 4 - Desenho/João.



Os pequenos precisam adquirir orientação espacial, ritmo motor, postura, tonicidade muscular para produzir imagens visuais com mais clareza, tornando-se mais compreensíveis; só a prática e a maturidade irão proporcionar isso a eles. Quanto mais a criança interage com o mundo e com outros desenhos, mais ela avança nesse sentido. É preciso estimular a criação, enriquecer o repertório, praticar a grafia para que a criança, então, se aperfeiçoe e mude seus traços, tornando-os mais seguros.

Antes de apresentar o próximo desenho de nosso estudo (FIG. 5), mais uma vez em Philippe Greig, temos a seguinte compreensão:

Mal começa a andar, a criança apodera-se do lápis. Qualquer objeto parecido lhe basta, pois ela se contenta com um jogo de imitação. Mas, ao longo do segundo ano, a criança empunha e utiliza para valer o lápis ou a caneta

hidrográfica e constata com satisfação que seu gesto deixa uma marca. A personagem vai sendo, pouco a pouco, completamente estruturada por volta dos 5 anos, e eis que chegamos ao final da Educação Infantil; tem início o Ensino Fundamental, com prioridade para a escrita e com a curiosidade sobre o mecanismo das coisas e a precisão de sua representação (GREIG, 2014, p. 12).

Já em Ferraz e Fusari (2009), compreendemos que na fase primeira, a de bebê, outro estímulo de destaque é a contação de histórias: pedimos que desenhem as histórias que ouviram. No começo, não sabem diferenciar o que é real e o que é imaginário; mas, à medida que crescem, passa a ser papel dos adultos, como os pais e os professores, ajudar as crianças para que consigam separar fatos reais de histórias inventadas. Seus repertórios, então, se ampliam, realizando em tempos distintos representações reais e fantasias.

Figura 5 - Desenho/Eduarda.



Esse desenho (FIG. 5) foi realizado por uma menina muito meiga; possivelmente ouviu uma história que lhe marcou, pois representou uma rainha. No entanto, a referida

personagem foge dos padrões, sendo gordinha. Nesse caso, há indícios que conviva com pessoas desse gênero (gordinho) - análise que representa o real vivido em meio ao faz de contas.

A ambição que a criança tem em aprender a ler e escrever desenvolve nela o enigma que na sua imaginação suas mãos conseguem colocar em prática. Sua vontade a esses traços, sensíveis, revelam o valor simbólico que a criança torna como letra na alfabetização.

Antes desse momento (o de ser alfabetizada), a criança vai se moldando com vestígios estéticos realizados, primeiramente, pelo ato da garatuja, seguindo-se ao desenho. O mais interessante é que ao realizar seus traços no papel, a criança acredita que é só uma brincadeira, sentindo-se a vontade para se expressar. Esse material, conforme vem sendo exposto pelo presente estudo, é, para os psicólogos e/ou para os professores, grande fonte de informações.

Com o texto de Greig adiante, reforçamos a informação de que primeiro a criança se expressa por gestos, depois pela fala; ou melhor, o que não consegue expressar falando, pode conseguir pelos traços no papel. No entanto, até os dois anos de idade há atos desprovidos de controle visual, sem preocupação com a forma:

A passagem do gesto ao traçado se faz primeiramente sem nenhum controle visual. A intenção ainda não está na forma, mas apenas no ato, e o olhar, no início, não apenas orienta ainda o traço, mas frequentemente dirige-se para o outro lugar. Por volta do 18º mês, o olho da criança começa a seguir o movimento da mão, mesmo que ainda não a oriente. Aos 2 anos, começa o controle visual do traçado, primeiro “controle simples”, ou do ponto de partida, que permite a acoplagem de um novo traçado a um traçado existente. (GREIG, 2014, p. 21).

Conforme dissertam diferentes autores e como se têm comprovado nesse estudo, o professor que tiver mais conhecimento das etapas dos “rabiscos” infantis terá mais propriedade em ajudar e acompanhar o desenvolvimento natural de seus alunos de forma construtiva. É através das fantasias e do desejo pelas descobertas que a criança expressa esse tipo de conhecimento artístico, por isso quando a criança faz atividades, seja de movimento, canto, dança, desenho ou pintura, ela faz com muita expressividade e vontade, sendo significativo o adulto ficar atento a essas emoções apresentadas de forma espontânea pela criança. Tudo isso acontece pela relação que a criança exerce com as pessoas em sua volta e o ambiente que vive. Quanto maior for a oferta de expressões, movimentos, histórias, fantasias, culturas variadas, formas, obstáculos, descobertas, curiosidades etc., colocadas à disposição da criança, mais

significativo se tornará seu processo de aprimoramento cognitivo e afetivo (FERRAZ; FUSARI, 2009).

A Figura. 6, a seguir, apresenta mais um desenho de nossa pesquisa, realizado por uma menina de seis anos de idade:

Figura 6 - Desenho/Bruna.



Pela análise da imagem, observamos ser uma representação gráfica realizada por uma criança que tem dificuldade em se expressar; havendo a necessidade de se trabalhar nela o esquema corporal, uma vez que se desenha sem expressão facial. Também é possível realizar a seguinte leitura: tem alguém na família que é mais forte, um pai ou outra pessoa que a trata com mais rigidez; sendo isso identificado pela posição forte da pessoa com o olhar, e isso lhe incomoda. A análise expressa características, medos, sentimentos vivenciados e conhecimento do esquema corporal.

De acordo com Ferraz e Fusari (2009), ao construir qualquer produção de sua imaginação, a criança está expondo e reproduzindo coisas que têm relação com sua realidade, mas também elaborando coisas novas que a tornam única naquela criação. Daí a significância da imaginação; com especial atenção quanto à reciprocidade na afetividade. Quanto mais amor e carinho a criança receber, maior será a evolução de suas criações imaginárias, pois uma depende da outra para evoluir.

No esquema visual abaixo (FIGURA 7), temos um desenho delicado com florzinha. A menina que o fez parece estar bem, feliz e sua noção de esquema corporal é mais

desenvolvida que no trabalho da criança anterior. O quadro dessa análise configura-se como demonstrador do desenvolvimento motor, cognitivo e o emocional do momento vivido.

Figura 7 - Desenho/Lívia.



A cada fase do desenvolvimento de uma criança, disserta Rousseau (2001) que há a apresentação de um modo único de suas experiências vividas e acumuladas. Nos primeiros anos, a criança não consegue separar o que é imaginário do que é real, até chegam a confundí-los. Há um momento em que passam a valorizar a realidade mais que o imaginário. Nesse, a criança normalmente deixa a sua espontaneidade, porque o sistema educativo e social não prioriza isso, trazendo informações somente para interiorizar e não para um trabalho que inspira reflexão e valorização da criação.

Ferraz e Fusari trazem uma definição sobre a imaginação na infância: “a atividade imaginativa é criadora por excelência, pois resulta da reformulação de experiências vivenciadas e da combinação de elementos do mundo real. São novas imagens, ideias e conceitos, que vinculam a fantasia à realidade” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 60).

Dando continuidade ao Estudo de Caso da pesquisa, o esquema visual seguinte (FIG. 8) apresenta o desenho de um menino, cujo nome fictício foi dado por João Pedro. Ele fez alguma coisa extraordinária e radical, próprio de sua imaginação, que como dissertaram as

autoras Ferraz e Fusari: a atividade imaginativa é algo que mistura fantasia à realidade vivida. Logo, essa análise prima pelo desenho que está na imaginação, na fantasia.

Figura 8 - Desenho/João Pedro.



Notamos também nesse, que a criança continua a rabiscar até mesmo quando seu desenho ganha forma. No início a criança rabisca pelo prazer de rabiscar e à medida que se faz uma ligação entre os gestos e a marca passa-se a uma intencionalidade dado pelas formas.

Por essa via e tendo como base as análises e descrições anteriores, entendemos que o professor deve atuar em sua ação pedagógica como um grande estimulador, que provoca e instiga os alunos a expressarem e soltarem suas imaginações, prestando atenção em cada estágio da imaginação e percepção das crianças.

Sobre esses estágios de evolução gráfica, em Ferraz e Fusari, encontramos:

Existe uma evolução gráfica na criança, que vai se afirmando em algumas etapas de seu crescimento, junto ao desenvolvimento intelectual, físico, emocional, etc. A garatuja [...], por exemplo, define-se entre as idades de 2 a 4 anos, a partir dos quais a criança já estará em condições de desenvolver um estágio pré-esquemático (mais ou menos entre 4 e 7 anos). O período esquemático, ou aquele em que os desenhos têm sentido mais lógico, corresponde à fase de 7 a 9 anos, e assim, progressivamente, a criança adquire as noções mais elaboradas e os seus desenhos vão se tornando mais próximos do mundo real (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 67).

Dando continuidade, na FIG. 9, vemos o desenho de uma menina mais agitada, alguém fala muito na cabeça dela ou grita, está se sentindo diminuída, muito pequena perto dessa pessoa que fala, mostra um desenho com boca grande e com muitos dentes. É raro criança desenhar os dentes. Tipo de análise que representa o que não se gosta, o que incomoda; características e sentimentos interiorizados.

Figura 9 - Desenho/Vanessa



Ao aproximar-se da adolescência, os jovens começam a se desinteressar pelo desenho, e o que antes ajudou em seu desenvolvimento (motor, emocional, cognitivo etc.) fica, por parte de muitos, de lado. Pois bem, o aprendizado da arte não significa que os estudantes se tornarão artistas. Ou melhor, não se ensina arte na escola com essa intenção, mas sua presença, conforme vem se comprovando no decorrer desse estudo, se faz necessário durante todos os estágios de desenvolvimento de uma criança.

Em concordância com Ferraz e Fusari (2009) compreendemos que para uma aula de arte ser produtiva, deve-se ter uma proposta pedagógica adequada. Precisamos atentar para alguns aspectos importantes que fará a construção do conhecimento, um repertório cheio de expressividade e concretização. Discussões periódicas sobre o que as crianças mais gostam, apreciam, poetizam, seus gestos, movimentos, componentes sociais e culturais que têm acesso,

tornam-se registros preciosos para ações pedagógicas efetivas. A apresentação de materiais novos e formas diversificadas de ações também se fazem necessárias. O professor poderá avaliar tais atividades através da observação evolutiva demonstrada pelos alunos.

As cores escolhidas e usadas pelas crianças também entram no fator de orientação e análise por parte dos professores e/ou especialistas. Normalmente as meninas escolhem em prioridade o rosa e os meninos o azul, porque desde o nascimento os pais utilizam essas cores, é cultural. Também podemos perceber que quando a criança está calma, tranquila ou triste, utiliza as cores frias em detrimento às quentes. Quando está mais agitada, ansiosa ou feliz, no inverso, utiliza mais as cores quentes. Portanto, são as formas, juntamente com as cores, é que nos mostra o perfil psicológico da criança naquele dado momento - é o que nos ensina Rousseau. Em suas próprias palavras vemos:

O vermelho, laranja e amarelo são cores denominadas quentes em oposição às cores frias que são o verde, o azul e o violeta. Sabe-se que o preto não é uma cor, assim como o branco. Se o branco é a união de todas as cores, o preto é a ausência de toda cor, isto é, de toda luz. As cores frias suscitam, sugerem e exprimem a calma, a doçura, o repouso, a contemplação, a tristeza e as diversas modalidades desses estados. (ROUSSEAU, 2001, p. 46).

Na imagem abaixo (FIGURA 10), apresentamos uma análise da forma junto à cor:

Figura 10 - Desenho/Amanda.



No montante, observam-se as cores, a tensão do traço, o tamanho, o tracejado, o posicionamento no papel, o cuidado em que a autora do desenho risca o chapéu com uma leve curvatura, como posiciona os olhos da figura, tencionando uma aparente ingenuidade da forma - é provável que recentemente esteve em um circo, pois demonstra que viu algo superior e divertido. Também se observa que no geral, as meninas são mais detalhistas que os meninos, e que preferem as formas quadradas. Nessa análise, vê-se o desenho que está na memória.

Diferente das anteriores, a imagem seguinte (FIGURA11), dar-se pelo uso da materialidade da tinta sobre o suporte do papel. As cores são marcantes, os traços mais alongados e fortes demonstram a personalidade de um menino, que por sua vez representa uma paisagem com cachoeira. Será que passeou em algum lugar que viu água corrente? Como na análise anterior, essa também apresenta um desenho que está na memória e que marcou positivamente a criança, cujo nome fictício foi dado por Daniel.

Figura 11 – Desenho/Daniel.



Considerações finais

A partir desse estudo, compreendemos que a garatuja e o desenho são o meio pelo qual a criança vai organizando suas experiências, descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, das coisas e das pessoas com as quais convivem. Por isso, quanto mais pratica, mais elementos contribuirão para o seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional.

A prática de análise que fizemos comprovou o quanto se pode conhecer de uma criança através de seus rabiscos e desenhos, e por isso o docente pode e deve usar essa ferramenta para melhorar sua prática pedagógica, bem como para auxiliar seus alunos em todas as áreas vivenciadas, inclusive emocionais. Afinal, em nosso estudo teórico-prático, analisamos desenhos de crianças que não conhecíamos e acertamos; descobrimos tantas informações sobre elas, que parecia que as conhecíamos. Assim, fomos sensibilizadas, de fato, para o quanto essa ferramenta é significativa para o processo de ensino aprendizagem dos pedagogos.

Concluimos que quando a criança rabisca, desenha, pinta ou realiza outras atividades referente à expressão artística, mesmo que inconsciente, estará expressando emoções e sensações; inclusive as que se encontram mais profundas dentro do seu ser, porque elas estão presentes dentro de nós, desde que nascemos. Esses traços também demonstram gostos, características e personalidades.

Nesse âmbito, através da expressão infantil pelo traço descobrimos muitas coisas, como: sonhos, frustrações, preferências e até mesmo se a criança possui algum trauma ou sofre algum tipo de violência física dentro de casa. Nesses casos, o professor precisará de ajuda de um profissional mais especializado, como um psicólogo. Nos desenhos também estão registradas as dificuldades de cada criança - isso é próprio da ação do professor para que elabore suas estratégias de ensino.

Portanto, chegamos à conclusão de que, dando o devido valor, carinho e importância para as criações tão únicas e significativas das crianças, o profissional da educação poderá conhecer de modo mais aprofundado seus alunos, podendo auxiliá-los com mais precisão, para que no futuro se tornem indivíduos críticos, letrados e conscientizados. A garatuja e os desenhos também são formas que intensificam a inteligência artística, a criativa, a estética e desenvolvem a coordenação motora fina.

Referências

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROUSSEAU, René-Lucien. **A linguagem das cores**. 14. ed. São Paulo: Pensamento, 2001.

An interpretative analysis on children's garatuñas and drawings

Abstract

The present work aims to reflect on the importance of doodle and drawing in childhood; this process happens throughout the children's growth, goes through phases and has multiple meanings, which can help different professionals better understand what the child wants to express. We conducted a bibliographic search considering the contributions of authors such as Philippe Greig, René-Lucien, Maria Heloísa and Maria F. de Rezende, as well as a case study with a number of 20 children and 25 drawings analyzed. We collect artistic expressions in the traits of children of different ages, interpret them based on the studies carried out and identify personal characteristics, feelings, tastes, fears and other data of each one. We try to emphasize that when the educator knows how to mobilize and mediate his students during this process, he can help them significantly, because the visual scheme encourages children to express their emotions, works on feelings, creativity, the real and the imaginary, coordination motor, the body scheme, among others. The minors, in the outline of their doodles and drawings, represent in a way a little of themselves; deserving of us, professionals of pedagogy, the attention and affection, before their moment of discoveries in this fantastic world of imagination and creation. It is necessary to take care, try to understand and maintain, so that with the purity of the doodle and the drawing, in the future they will become critical, literate and aware individuals.

Keywords: children; doodle; drawing; interpretation.